

**ELAS BONITAS? SÓ SE FOSSEM COMO AS  
MOÇAS DE HOLLYWOOD:**

a representação da mulher norte-americana nas páginas da revista “*Fon-Fon*” e a influência da política da Boa Vizinhança no Brasil durante o Estado Novo

**THEY'RE BEAUTIFUL? ONLY IF THEY  
WERE LIKE THE GIRLS FROM  
HOLLYWOOD:**

the representation of American women in the pages of the magazine “*Fon-Fon*” and the influence of the Good Neighbor Policy in Brazil during the Estado Novo

DIEGO BATISTA ARAÚJO<sup>1</sup>  
THAYSE EVELEM ALVES DELFINO<sup>2</sup>

Data em que o trabalho foi recebido: 23/09/2024

Data em que o trabalho foi aceito: 18/10/2024

---

<sup>1</sup> Graduando em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: [diego.batista@aluno.uepb.edu.br](mailto:diego.batista@aluno.uepb.edu.br)

<sup>2</sup> Graduanda em licenciatura plena em História – UEPB. E-mail: [thayse.delfino@aluno.uepb.edu.br](mailto:thayse.delfino@aluno.uepb.edu.br)

## **ELAS BONITAS? SÓ SE FOSSEM COMO AS MOÇAS DE HOLLYWOOD:**

a representação da mulher norte-americana nas páginas da revista *Fon-Fon* e a influência da política da Boa Vizinhança no Brasil durante o Estado Novo

### **RESUMO**

Este artigo planeja analisar a revista ilustrada brasileira *Fon-Fon*, enquanto um importante recurso midiático durante o governo ditatorial getulista no período do Estado Novo (1937-1947), especificamente no contexto da implementação da política da Boa Vizinhança estadunidense no Brasil. As representações dessa política foram adotadas por Getúlio Vargas em sua estratégia de modernização da sociedade elitista e da classe média, utilizando o estilo cultural dos Estados Unidos como referência, conforme exibidos na revista. Nesse contexto, o ideal da mulher norte-americana - em particular as atrizes e modelos *hollywoodianas* - eram apresentadas como o padrão a ser seguido pelas mulheres brasileiras, cabendo a elas seguirem a rotina, moda e beleza típicas das mulheres norte-americanas, adequando seus corpos a tais regulamentações estéticas. Assim, busca-se problematizar o discurso político midiático evidenciado nas fotografias de atrizes estadunidenses, expostas nas páginas da *Fon-Fon*, considerando as medidas disciplinares por elas transmitidas. Por isso, metodologicamente nos ancoramos em autores como Foucault (1999), Louro (2000) e Kossoy (2014). Assim, este estudo aspira contribuir para a compreensão das relações entre mídia, política e gênero no Brasil durante o Estado Novo.

**Palavras-chave:** Fon-Fon. Discurso. Disciplina. Corpo. Fotografias.

**THEY'RE BEAUTIFUL? ONLY IF THEY WERE LIKE THE GIRLS FROM HOLLYWOOD:** the representation of American women in the pages of the magazine *Fon-Fon* and the influence of the Good Neighbor Policy in Brazil during the Estado Novo

**ABSTRACT**

This article plans to analyze the Brazilian illustrated magazine *Fon-Fon* as an important media resource during the Getulist dictatorial government of the *Estado Novo* (1937-1947), specifically within the context of the implementation of the U.S. Good Neighbor Policy in Brazil. The representations of this policy were adopted by Getúlio Vargas in his strategy to modernize the elite and middle-class Brazilian society, using American cultural style as a reference, as depicted in the magazine. In this context, the ideal of the American woman—particularly Hollywood actresses and models—was presented as the standard for Brazilian women to follow, requiring them to adopt the typical routine, fashion, and beauty standards of American women, conforming their bodies to these aesthetic regulations. Thus, this study seeks to question the political media discourse evidenced in the photographs of American actresses displayed on the pages of *Fon-Fon*, considering the disciplinary measures they conveyed. Methodologically, this study is anchored in authors such as Foucault (1999), Louro (2000), and Kossoy (2014). In this way, the study aims to contribute to an understanding of the relationships between media, politics, and gender in Brazil during the *Estado Novo*.

**Keywords:** Fon-Fon. Discourse. Discipline. Body. Photographs.

## INTRODUÇÃO

A década de 1940 foi um período crucial na história do Brasil, marcado por transformações sociais, políticas e culturais que moldaram a identidade nacional. Sob o governo de Getúlio Vargas, o país vivenciou um momento de intensa modernização e busca por uma nova ordem social, na qual a política da Boa Vizinhança dos Estados Unidos emergiu como um elemento central na construção de uma narrativa nacional.

Nesse contexto, tem-se o periódico ilustrado *Fon-Fon*, criado em 1907 na capital do Rio de Janeiro, que contou com a colaboração dos intelectuais de corpo editorial como Gonzaga Duque, Mário Pederneiras e Lima Campos. E como já afirmava Velloso (2008), a nomenclatura “*Fon-Fon!*” foi inspirada no som da buzina de um carro, no qual simbolizava a chegada da modernidade na capital do Rio de Janeiro, despertando um susto, com as futuras novidades que viriam avassaladoramente na localidade.

A sua criação perdurou até a década de 1950, mais especificamente até o ano de 1952. A *Fon-Fon*, assim como outros periódicos, igualmente a *Para Todos* e a Revista do *Tico-Tico*, perpassou por diversas fases políticas e culturais no Brasil. Inclui-se as ordens políticas do início do século XX, como o governo de Getúlio Vargas e Gaspar Dutra, que deram continuidade aos projetos políticos estadunidenses instalados no Brasil. Porém, nosso foco se deterá em analisar tais instalações durante o Estado Novo, período em que teve grande circulação as influências da política da Boa Vizinhança.

A *Fon-Fon* não só percorria no cenário local, mas sobretudo nacional “(...) semanalmente, os mais distintos espaços geográficos: *Fon-Fon!* no Paraná, *Fon-Fon!* em Maceió, *Fon-Fon!* em Porto Alegre, *Fon-Fon!* em Santos, *Fon-Fon!* em Lambari” (Velloso, 2008). A *Fon-Fon* costumava transmitir assuntos voltados para literatura, moda, beleza, informes científicos, entre outros. Destaca-se o fato de que a chegada do século XX trouxe uma dinâmica de estética corporal gigantesca na sociedade, emergindo as características de uma nova sensibilidade.

Dessa forma, as revistas não apenas atuaram como informante, mas sobretudo como formadora de opinião no tocante disciplinar. Além disso, elas tomaram como base o estilo cultural de outras regiões para emergir tais disciplinas em fatores cotidianos. No

início da República, Paris era um dos principais focos da *Fon-Fon*, no tocante da música, da dança e de outras características culturais, valores estes tomados pelas elites brasileiras. E não tardou para que o Brasil se alinhasse às novas tendências, a princípio durante o Estado Novo, no qual é visível a implementação cultural e a valorização da estética americana nas revistas, especificamente na *Fon-Fon*, substituindo alguns costumes europeus.

Foram aderidas alianças com a nação estadunidense que, em sua estratégia diplomática de estreitar os laços entre os países da América Latina, introduziu a política da Boa Vizinhança com o apoio do governo vigente. Isso porque tais estratégias eram consideradas modernas e progressistas, tal qual a *Fon-Fon* propagava.

Nesse cenário, o ideal da mulher norte-americana, personificado por atrizes e modelos de Hollywood, foi apresentado como um modelo a ser seguido pelas mulheres brasileiras. Através das páginas da *Fon-Fon*, as mulheres foram incentivadas a adotar novos comportamentos e estéticas que refletissem esse ideal. Dessa forma, a revista não apenas reproduziu imagens *glamourosas* da cultura estadunidense, mas também estabeleceu regras disciplinares ao corpo e à vida da mulher brasileira. Por isso, ao explorar as intersecções entre política, mídia e gênero, tivemos em vista compreender os impactos das representações das identidades femininas da época e as implicações sociais decorrentes dessa construção midiática. Por meio de uma abordagem metodológica que combina análise de conteúdo e contextualização histórica, planejamos mostrar as estratégias utilizadas pela *Fon-Fon* para transmitir o discurso político midiático que moldou a percepção do papel da mulher na sociedade brasileira durante o Estado Novo.

Nesse contexto, esta pesquisa planeja problematizar as fotografias das páginas ilustradas da *Fon-Fon*, no qual retratam a beleza, a estética corporal e o cotidiano das atrizes de Hollywood, cabendo às brasileiras seguirem tais ordens disciplinares. Para isso, metodologicamente esta pesquisa se ancora em autores como Foucault (1999); (2019); no qual se visa compreender a dinâmica da biopolítica e sua capacidade de difundir discursos, emergindo medidas disciplinares; Louro (2000), para se entender as práticas educativas sobre o corpo; e Kossoy (2014), visto que é por meio das fotografias que as atrizes puderam ser captadas e desejadas pela mulher brasileira, considerando a fotografia como um rico material histórico, onde se é possível visualizar e problematizar imagens.

## **A INTRODUÇÃO DA POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA NO BRASIL: EXPERIMENTANDO O NOVO POR MEIO DA IMPRENSA PERIÓDICA**

Durante o Estado Novo, o Brasil vivenciou profundas transformações, alinhadas à ideia de modernização promovida por Getúlio Vargas. Setores como educação, saúde, higiene, tecnologia e estética foram priorizadas como fundamentais a serem investidos, pois estas seriam as condutas necessárias para o desenvolvimento nacional. Países como os Estados Unidos participaram ativamente do processo. Porém foi a partir da Segunda Guerra Mundial (1939–1945) que as relações entre as nações vieram a se intensificar, inclusive no quesito cultural e econômico (Tota, 2000, p. 28). Essa dinâmica refletiu a busca por um modelo de progresso que incorporava influências externas, moldando a identidade brasileira em um contexto de modernização acelerada.

A forte pressão dos países do eixo, como o Japão, a Alemanha e a Itália, levou a nação estadunidense a ressignificar seus laços com os países da América Latina, inclusive com o Brasil. A política da Boa Vizinhança, como sugere seu próprio nome, visava demonstrar aliança e cooperação com os países vizinhos, apresentando-se como uma boa nação. No entanto, essa ideologia foi criada com o intuito de estabelecer vínculos estratégicos com o Brasil, principalmente no quesito econômico e cultural.

Ainda de acordo com Tota (2000), a política da Boa Vizinhança já vinha sendo pensada décadas antes, durante a gestão de Herbet Hoover, que tentou implantá-la em alguns países da América Latina. No entanto, não foi bem recebida e enfrentou resistência. “Em Buenos Aires, houve até manifestações contra a presença do presidente americano. Mas quando Hoover chegou ao Rio de Janeiro, em 21 de dezembro de 1928, teve uma recepção mais calorosa” (Tota, 2000, p. 29).

Devido a esses fatores, a implementação dessa política ocorreu com maior precisão durante o Estado Novo que, apoiado pela imprensa periódica, conseguiu difundir a cultura da Boa Vizinhança e, posteriormente, o *American way of life*, sendo que este último representava o estilo de vida americano, amplamente difundido nos jornais, revistas e cartazes. Os aspectos econômicos e sobretudo estéticos e culturais formaram as influências mais visíveis no processo de americanização no Brasil. Conforme Melo

(2023), o cinema estadunidense ganhou notoriedade mundial, deixando seus oponentes europeus escanteados.

Além do cinema, a vida das atrizes também ocupava um espaço significativo nas revistas brasileiras, nas propagandas publicitárias e nos demais assuntos que abordassem estética, moda e até mesmo higiene, os quais eram constantemente desejados pelas leitoras. Dessa forma, torna-se perceptível o quanto a influência da ideologia da política da Boa Vizinhança influenciou uma determinada parcela da população por meio da mídia. “A comunicação, segundo o cientista político norte-americano Karl Deutsch, são ‘os nervos do governo’, especialmente importante em grandes Estados e acima de tudo em extensos impérios.” (Briggs; Burke, 2006, p. 36).

Tendo em vista que a imprensa, assim como dita Martins e de Luca (2006), marcou a sociedade da Primeira República, apesar de sua forma tardia sua chegada contribuiu para a mudança de mentalidades e comportamentos. E apoiada à política faz-se uma imprensa mais profissionalizada ligada ao centro econômico editorial. Assim, as revistas, cartazes e almanaques ganharam destaque na imprensa, principalmente as ilustrações contidas em revistas.

“No país de maioria analfabeta, a ilustração foi mais eficaz que a letra, de alcance imenso” como afirmava Martins e de Luca (2006, s/p). Porém destaca-se que as revistas de caráter ilustrado, como a *Fon-Fon*, eram convidativas a respeito daqueles que poderiam pagar para consumi-la, considerando aqueles letrados.

Ainda conforme Briggs e Burke (2006), a preocupação com as massas emergiu ainda no século XIX, pelas instituições governamentais e privadas. Compreendemos assim que a imprensa foi um pilar fundamental para a divulgação e disseminação dos discursos políticos, sendo o seu principal aliado. Isso porque foi difundida a ideologia da política da Boa Vizinhança, já que, como defende Tota, “A ideia de americanização dos próprios Estados Unidos era traduzida numa política pedagógica e disciplinadora” (Tota, 2000, p. 36). É válido ressaltar que essa ideologia também impactou o Brasil em diversos aspectos, incluindo a ideia de um país reformulado com base na classificação por etnias.

A modernização almejada por Getúlio Vargas não alcançava as camadas populares, visto que essas não eram letradas e nem comportavam os grupos da elite. O eugenismo reforçou a noção de um país esbranquiçado, apagar com as camadas populares

também significava ceifar com os traços da colonização. Essa população era considerada a culpada por todas as enfermidades que permeavam o Brasil na época, a princípio no que se diz sobre as doenças (Sevcenko, et al. 1999, p. 27).

Assim, a vida das atrizes estadunidenses era uma realidade para poucas, já que as revistas também não comportavam sessões sobre mulheres negras. A revista *Fon-Fon*, que serve como fonte no qual esta pesquisa está ancorada, a partir da década de 1930 e, sobretudo, na década de 1940, dedicou suas páginas e até suas capas a exaltar a beleza da mulher norte-americana, enfatizando sua rotina e sua conduta corporal, predominantemente associadas apenas a mulheres brancas e, em sua maioria, loiras. Essas influências foram determinantes na disciplina da vida da mulher brasileira, especialmente por meio das fotografias inseridas nas revistas.

A revista *Fon-Fon* destacou-se como um dos principais periódicos a divulgar práticas educativas relacionadas ao corpo feminino, embora seus conteúdos não estivessem voltados, exclusivamente, à ótica feminina. A expansão cultural cinematográfica contribuiu para a emergência de normas regulatórias sobre o corpo feminino, conforme nos explica Luca: “As revistas ensinam, aconselham, propõem, indicam condutas (o que fazer ou vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom ou mal tom em situações específicas).” (Luca, 2013, s/p).

Assim, compreende-se que as revistas e sobretudo a *Fon-Fon* contribuíram com a elaboração de medidas disciplinares com relação ao corpo que, de certo, deveria ser domesticado e adequado.

As mulheres, enquanto seres que eram frágeis e até mesmo excluídas da história, tornam-se o principal foco dessa ideologia. Suas sensibilidades e, principalmente, o anseio de estar a par com as novidades no mundo na moda e sobretudo os mundos literário e cinematográfico, despertou nas mídias editoriais a necessidade de destinar grande parte de suas sessões ao feminino. Isso se deu principalmente pelo espaço que esses grupos vinham ocupando desde o século XIX, conforme nos diz Luca (2013).

Apesar da *Fon-Fon* não ser uma revista particularmente feminina, grande parte de seus artigos comportavam sessões relacionadas às mulheres, a princípio à vida das estadunidenses. Na ilustração abaixo se exhibe uma de suas principais capas de um dos anos que compreende o Estado Novo:

**Figura 1: Capa da Revista *Fon-Fon*, 1939**



Fonte: *Fon-Fon*, Edição 00014, 1939, p.01<sup>3</sup>

A revista *Fon-Fon* deixava muito claro a preferência de moda, estilo, cultura e classe social em suas revistas, tendo a noção que a sua criação veio sendo construída nos moldes europeus. Conforme Velloso, “(...) a metrópole européia apareceu como núcleo catalizador e irradiador do moderno para o mundo” (Velloso, 2008, p. 14). Paris era um dos grandes lugares de prestígio referencial para *Fon-Fon*, a princípio na nascente da República e logo no Estado Novo, que abre espaço para uma nova onda americana, como é retratado na figura 1, do ano de 1939, na revista. Nesta imagem, retrata-se uma personagem visivelmente americana, loira, feliz e acompanhada ao um animal de estimação, em um dia ensolarado. Compreende-se que “As revistas almejavam um alvo bastante claro: fazer chegar aos seus leitores idéias, valores, comportamentos e imagens de um universo que se apresentava de forma inaugural, revolucionária e, sobretudo, sedutora” (Velloso, 2008, p. 11). O novo era convidativo à população, a princípio as mulheres.

Durante o Estado Novo, grande parte dos periódicos deixaram de circular. “Estima-se que cerca de 30% dos jornais e revistas do país não conseguiram obter o

---

<sup>3</sup> Biblioteca Nacional. **Fon-Fon!** Rio de Janeiro: 1939. Edição 00014. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=99277> >.

registro obrigatório no DIP” (Martins e Luca, 2006, s/p). Isso devido às contradições que recaiam sobre as ordens governamentais, entendendo assim, que a *Fon-Fon* foi uma forte aliada ao Estado pelo fato de ter circulado por longos períodos sem a censura do (DIP) Departamento de Imprensa e Propaganda, considerada a máquina midiática do Estado Novo. Os domínios dos meios de comunicação eram cruciais para a propagação do Estado Novo, o DIP era responsável por censurar não só revistas, mas, sobretudo, peças teatrais, músicas, filmes e outros recursos midiáticos que viriam aspirar assuntos rebeldes que eram contraditórios ao governo. E como já afirmava Sodré (1999), a imprensa conseguiu modificar algo que nunca havia sido feito, como modificar a sociedade através da informação, atuando por meio das simbologias.

## **ELAS BONITAS? SÓ SENDO IGUAL ÀS ATRIZES DE HOLLYWOOD!**

Em um país caracterizado por diversas influências, especialmente no que se refere à representação do feminino, as mulheres brasileiras pertencentes às classes média e alta tornaram-se um dos principais alvos da mídia editorial. Isso se deve, em grande parte, à concepção de que a beleza feminina está intrinsecamente ligada à modernidade, principalmente pela ideia de que a mulher só seria bela se fosse moderna. Assim, a beleza da mulher norte-americana passa a ser a desejada pelas mulheres brasileiras e a eleita para as capas de revistas femininas. Posto isso, no ano de 1940, a revista *Fon-Fon* já exibia algumas menções sobre a beleza da mulher norte-americana em suas páginas, conforme a ilustração abaixo:

**Figura 2: “De Hollywood para você!”**



**Fonte:** *Fon-Fon*, Edição 00018, 1940, p. 25.<sup>4</sup>

Na imagem é perceptível dez fotografias de mulheres estadunidenses, apresentando novos modelos de vestidos desenvolvidos no respectivo lugar. Além da diversidade de vestidos exibidos na imagem, observa-se que a postura e o padrão corporal também era algo a ser vendido. As atrizes não estavam alheias aos debates sobre o corpo e a importância dele na ótica feminina. Além da venda da peça, também vendia-se postura, delicadeza, sensualidade e a ideia de um corpo e uma beleza padronizada, cabendo às leitoras adquirirem tais recomendações. As expressões faciais das atrizes também exibiam neutralidade e naturalidade. O recomendado era que as mulheres se tornassem o mais natural possível, visto que a intenção não era apenas agradar, mas sobretudo agradar aos seus maridos e à sociedade.

A partir disso, gerou-se o que Foucault denomina como os mecanismos de exclusão social, deixando claro um dos mais evidentes que é a interdição. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (Foucault, 2019, s/p). Assim, entende-se que, diante do cenário social, as mulheres, embora autônomas de seus atos, também eram influenciadas a se encaixarem em uma linguagem

---

<sup>4</sup> Biblioteca Nacional. **Fon-Fon!** Rio de Janeiro: 1940. Edição 00018. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=102194> >.

familiar que não destoasse da novidade do momento e não desagradasse os outros, principalmente seus cônjuges.

Além disso, no texto descrito ao lado da figura 2, afirma-se que devido à grande circulação do cinema americano é possível visualizar sua enorme influência na área da moda, deixando seus oponentes de lado. Porém, a questão volta a problematizar quando esses ideais acabam tornando-se um único modelo a ser seguido, negligenciando as demais culturas da localidade, fazendo com que a utilização da revista não apenas transmita informação, mas sobretudo autoridade e disciplina. Todavia, é preciso ter a noção de que “O corpo está situado em um tempo e um espaço, dessa forma, não é universal e imutável, como durante muito tempo se pensou” (MELO, 2023, p. 60).

Apesar do que foi mencionado, as edições da *Fon-Fon* a partir da década de 30 e do princípio de 40 não comportavam com frequência propagandas que ilustrassem a beleza da mulher latina, tampouco brasileira. Embora reconheçamos as mudanças que o corpo está inserido, também se reconhece as influências que as disciplinaram durante essa temporalidade. Assim, a moda exibida nas fotografias não era inocente, pois mostrava uma retórica muito além do visível, tentando captar a mulher pelo poder do discurso então difundido nos meios pictóricos e, portanto, nas fotografias.

Posto isso, mais uma vez, a *Fon-Fon* retrata o estilo da mulher norte-americana como referencial, porém com relação a uma rotina a ser seguida, tomando esta como a única verdadeira norteadora, conforme ilustrado na fotografia abaixo:

Figura 3: “ O prestígio feminino”



Fonte: *Fon-Fon*, Edição 00010, 1940, p. 27<sup>5</sup>.

Diferente da figura 2, a imagem nos mostra o estilo de roupa a ser usado para cada etapa do dia, pela manhã as moças deveriam utilizar roupas mais curtas e leves e acima dos joelhos. Durante a tarde, o estilo segue mais composto, visto que esse período do dia não demonstrava tanto calor quanto pela manhã. Considera-se que as fotografias não representavam uma tarde ensolarada, já que cabia às mulheres vestirem calças largas e vestidos abaixo dos joelhos, e, por último, durante a noite, a moda segue um estilo casual, mantendo a elegância, usando longos vestidos, que podiam ser coloridos e de mangas bufantes.

Além da semelhança entre corpos, a fotografia exhibe que as leitoras também devessem tomar como influência a rotina das estadunidenses exibidas nas fotografias, é notável não só as roupas conforme as fases do dia, mas sobretudo as atividades que elas

<sup>5</sup> Biblioteca Nacional. **Fon-Fon!** Rio de Janeiro: 1940. Edição 00010. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=259063&pagfis=101802> >.

estão realizando. Além de afirmar que esse, sim, era o estilo adequado, “o prestígio feminino”. Desse modo, esse estilo de vida é tomado como uma verdade e, assim como nos diz Foucault (2019), uma verdade apoiada a forças institucionais, distribuindo uma espécie de pressão.

Assim, é possível afirmar que as práticas políticas midiáticas estão intrinsecamente ligadas com a vida da mulher. Foucault (1988) nos diz que desde o século XVII o Estado aproxima-se da sociedade, tomando como prioridade o domínio do seu corpo, principalmente o corpo da vida privada. Diante das políticas modernas seria mais fácil doutrinar corpos por meio de ideologias, do que simplesmente ceifá-los ou restringi-los. A modernidade trouxe novos métodos disciplinares, então acompanhados de discursos, principalmente com relação à biopolítica.

É no fim do século XVII que a biopolítica nasce, preocupada com a movimentação da sociedade e o que ela produz (Foucault, 1999, p. 290). Assim, entende-se que a biopolítica determina poder sobre a vida, tentando controlar ou enquadrar a sociedade em doutrinas que convém a determinada ideologia, moldando-as disciplinarmente. Como dita Michel Foucault, “[...] trata-se, sobretudo, de estabelecer mecanismos disciplinares” (Foucault, 1999, p. 293).

Portanto, é através da biopolítica que os discursos são difundidos nos meios de comunicação. Compreende-se que a política da Boa Vizinhança foi adotada pelo governo de Vargas numa tática de modernizar o Brasil, que dentre as definições estava a de doutrinar corpos. Isso é feito utilizando os meios de comunicação como receptor desse discurso, como estão na revista *Fon-Fon*. Frases como “de Hollywood para você” e “o prestígio feminino” apresentado nas figuras retratam bem a formulação desse discurso, visto que apresentam a idealização sobre uma nova perspectiva do feminino, que seria moldada e voltada apenas para o corpo e a beleza, tomados por influências estadunidenses, como destaca (Melo, 2023, p. 67):

“O padrão de beleza que constantemente esteve nas páginas da revista foi, principalmente, o da mulher branca, magra, feliz e norte-americana. Embora vez por outra artistas brasileiros fossem abordados nos artigos das revistas, a referência era sempre a cultura estadunidense, conseqüentemente, os padrões a serem tomados também seriam os de lá”.

Assim, o corpo torna-se um dos principais objetivos a ser alcançado. “Podemos pensar a matéria dos corpos como uma espécie de materialização governada por normas regulatórias” (Louro, 2000, s/p). Tais normas regulatórias estão inseridas nas revistas que ditam como esses corpos deveriam se mostrar na sociedade, mostrando um corpo dócil, atento às demandas que eram impostas nesses periódicos, inclusive na *Fon-Fon*. Porque como dita Foucault: “O sexo não se julga apenas, administra-se” (Foucault, 1998, p. 27).

Além de tudo, o uso da fotografia presente na revista nos chama atenção a essas medidas disciplinares, visto que é através do imagético que essas doutrinações foram impostas às mulheres.

“É este o momento de estabelecer as devidas distinções teóricas quanto aos objetos de investigação, tanto no plano da história da fotografia como no da história através da fotografia. A primeira diz respeito ao estudo sistemático desse meio de comunicação e expressão em seu processo histórico, a um gênero de história que flui entre ciência e arte. A segunda remete de imediato ao emprego da iconografia fotográfica do passado, nos mais diferentes gêneros de história e mesmo em outras áreas da ciência nas quais os pesquisadores venham a utilizar-se desta fonte plástica como instrumento de apoio à pesquisa, como meio de conhecimento visual da cena passada e, portanto, como uma possibilidade de descoberta” (Kossoy, 2012. p. 57).

A colocação de Kossoy por meio da citação acima destaca as principais abordagens da análise fotográfica: *a história da fotografia e a história através da fotografia*. Na primária, se destaca a investigação na própria foto, compreendendo suas expressões visuais, estilos e indivíduos que compartilham dessa história. Já na *história através da fotografia* se vê a fotografia no campo documental como uma fonte historiográfica, fazendo com que esse material seja um suporte de acesso ao passado, sendo relevante para se problematizar eventos políticos, econômicos, sociais e culturais. Ao ligarmos essas abordagens com a revista *Fon-Fon*, compreende-se a dimensão da fotografia em um periódico e como isso foi essencial na construção identitária de uma determinada parcela da população.

A fotografia permitiu que as mulheres brasileiras chegassem perto, mesmo que de longe, de pessoas raramente vistas e que, de certa forma, tinham um valor simbólico na sociedade. Suas vestes, expressões e jeitos foram visualizadas por meio da fotografia que reinventou o século XX por meio do pictórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista *Fon-Fon* convida suas leitoras e leitores a desfrutarem de suas influências, sobretudo projetadas nas atrizes *hollywoodianas*. Tais influências conseguiram ditar padrões de beleza sobre a vida das mulheres brasileiras, mudando sua rotina, sua mentalidade e seu corpo. Assim, esse trabalho teve como objetivo analisar e problematizar o discurso midiático inserido nas páginas da *Fon-Fon*, que, por meio das fotografias, conseguiu alcançar as jovens latinas do Brasil e promover práticas educativas sobre seus corpos. Isso aconteceu ao ditar medidas disciplinares por meio das ideologias da política da Boa Vizinhança, como o mundo cinematográfico, onde abarcava o estilo de vida dessas atrizes *hollywoodianas*.

Tendo em vista, que a influência vinda da política da Boa Vizinhança era sinônimo de modernidade e cabia às mulheres aderirem a essas influências caso quisessem ser mulheres modernas, a vida das atrizes, muitas vezes, não representava a realidade das leitoras, porém, despertavam o desejo naquelas que buscavam se igualar. Da mesma forma, seus artigos não comportavam mulheres negras, visto que essas revistas eram destinadas a uma elite branca e alfabetizada. A leitura, cinema e teatro eram prazeres da vida que poucos poderiam desfrutar.

A pouca divulgação dessas problematizações citadas na historiografia do Brasil despertou a elaboração deste estudo. Por isso se faz de extrema importância compreender a construção da biopolítica na sociedade e como através dos discursos foi-se possível difundir medidas disciplinares, apoiadas nos meios de comunicação e, a princípio, na fotografia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Revisão técnica de Paulo Vaz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

DE LUCA, Tania. **Nova História de Mulheres no Brasil** 1. ed., 1ª reimpressão — São Paulo, Contexto, 2013.

FOUCAULT, **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. — São Paulo: Edições Loyola, 2019.

FOUCAULT, Michael. **A história da Sexualidade I: a vontade de saber**, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michael. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no College de France (1975-1976).

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Rio de Janeiro, Editora Petrópolis, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. Ed. São Paulo: Ateliê Editora. 2012.

LOURO, Guacira. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

MARTINS, AL., and LUCA, TR. **Imprensa e cidade** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MELO, Natália Correia de. **A Revista Cena Muda e as Práticas Educativas Sobre o Corpo na década de 1940**. 2023. 103f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande - PB, 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil República: da belle époque à era do rádio**. Ed. Companhia das Letras, vol.3. São Paulo, 1999.

SODRÉ, Nelson. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 1999.

TOTA, Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Fon-Fon! em Paris: passaporte para o mundo. *In: Cadernos da Comunicação*. Série Memória, v. 22, p. 11-28, 2008. Disponível em: <<https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101430/memoria22.pdf>>.